

ENCONTRO PREPARATÓRIO

- 1) - O Encontro Preparatório será realizado nos dias 18, 19 e 20 de fevereiro de 1980, no Instituto Paulo VI, para os participantes da Ásia, África, Estados Unidos e Caribe não latino.
- 2) - Será ministrado por: Pe. Sérgio Torres, Luís Alberto de Souza, Ana Flora Anderson, Pablo Richard, Zuinglio Dias, Pe. Guilherme e Ir. Virgínia.
- 3) - São objetivos básicos do Encontro Preparatório:
 - a) Visão da Realidade - (geografia, inclusive)
 - b) Igreja na América Latina
 - c) Movimentos Populares
- 4) - São assessores especiais do encontro: Ana Flora, Zuinglio e Michael
- 5) - São responsáveis pela infraestrutura: Guilherme, Michael e Grand Maison (D.H.)
- 6) - A língua oficial será o inglês: falado pelos palestristas.

~~W. N. ...~~

PROGRAMA

- Dia 18 - manhã: Expectativas (todos)
tarde: Visão latino-americana (Luiz Alberto)
- Dia 19 - manhã: Movimentos Populares (Pablo e Luiz Alberto)
tarde: Igreja na América Latina (Pe. Sergio Torres)
- Dia 20 - manhã: Pastoral Popular em São Paulo (Pe. Guilherme)

C. 168. 200 V. 1303/23

**CONGRESSO INTERNACIONAL
ECUMÊNICO DE TEOLOGIA**

São Paulo: de 20 de Fevereiro
a 02 de Março **1980**

CAIXA POSTAL 7173 - SÃO PAULO - BRASIL

LISTA DE PARTICIPANTES POR ORDEM ALFABÉTICA
(fichas-confirmação respondidas)

	Alberto González	PORTO RICO
X	Alejandro Guachalla	BOLÍVIA
X	Alfredo Novak	BRASIL
	Allan Boesak	ÁFRICA DO SUL
X	Amparo Beltrán	COLÔMBIA
-	Ana Flora Anderson	BRASIL
X	Angélico Sândalo Bernardino	BRASIL
	Antônio Celso Queiroz	BRASIL
X	Aracely A. de Rocchietti	URUGUAI
	Arnaldo Zenteno	MÉXICO
	Angel Caputo	ARGENTINA
	Beatriz Melano Couch	ARGENTINA
	Belarmino Correa	COLÔMBIA
-	Betto	BRASIL
X	Braulio Maciel	PARAGUAI
X	Carlos Abesamis, sj	FILIPINAS
X	Carlos Alberto Bordalo	BRASIL
X	Carlos Mesters	BRASIL
	Carmen Lora de Ames	PERU
X	Cesa Jerez	EL SALVADOR
X	Clodovis Boff	BRASIL
	Derek Winter	INGLATERRA
	Daniel Cabixi	BRASIL
	Décio Pereira	BRASIL
	David Kalke	E.U.A.
	Donal Dorr	IRLANDA
-	Edênio Valle	BRASIL
X	Eduardo Ortiz	VENEZUELA
X	Elsie Monge	EQUADOR
X	Elza Támez	COSTA RICA
	Engelbert Mveng	CAMEROUN
X	Enilda de Paula Pedro	BRASIL
X	Enrique Alvear Urrutia	CHILE
X	Enrique Dussel	MÉXICO
	Ernesto Alvarez	EQUADOR
	Eunice Santana de Velez	PORTO RICO
	Enilio Castro	SUIÇA
	Eugene Toland	E.U.A.

FICHA CONF.	NOME	PAÍS
	Federico Pagura	ARGENTINA
	Fernando Dancl	MÉXICO
	Fernando Penteado	BRASIL
	Francisco Manuel Vieira	BRASIL
X	Francisco Nazar	ARGENTINA
-	GILBERTO GORNULHO	BRASIL
X	Gregório Iriarte	BOLÍVIA
	Guilherme Reinhard, oms	BRASIL
	Gustavo Gutiérrez	PERU
X	Hermengarda Martins Alves	COLÔMBIA
	Hermínio Gil	HONDURAS
X	Hugo Assmann	COSTA RICA
	Idris Hamid	TRINIDAD
	Isidoro Tehuntile	MÉXICO
X	Ivone Gebara	BRASIL
	Jose Chipenda	SUIÇA
	Jorge Lara-Braud	E.U.A.
X	J.B. Libanio	BRASIL
	Jaine de Nevares	ARGENTINA
X	James H. Cone	EUA
	Jennier Chartier	ARGENTINA
	João Xavier de Souza	BRASIL
	Joel Ivo Catapan	BRASIL
X	John S. Mutiso-Mbinda	QUÊNIA
X	Jon Sobrino	EL SALVADOR
	José Maria Pires	BRASIL
	José Marins	BRASIL
	José Miguez Bonino	ARGENTINA
	José Thurler	BRASIL
	Juan Hernandez Pico	GUATEMALA
X	Juanita Vasques	GUATEMALA
	Julia Esquivel	GUATEMALA
X	Julio Tumbri Javier	BOLÍVIA
	Juine Phelps	E.U.A.
	James E. Henneberger	E.U.A.
	Joel Narbina	E.U.A.
	John Engleman	E.U.A.
	Jorge Álvarez	PERU
	Jorge ...	CHILE

FICHA CONF.	NOME	PAÍS
	Luís Carlos Bernal	COLOMBIA
X	Leonardo Boff	BRASIL
	Leônidas Proaño Villalba	EQUADOR
	Llaguno	MÉXICO
	Lori Altman	BRASIL
	Luciano Mendes de Almeida	BRASIL
	Luís Alberto Gomes de Souza	BRASIL
X	Luisa Campos	REP. DOMINICANA
-	Luiz Eduardo Wanderley	BRASIL
X	Luiz Gonzaga Fernandes	BRASIL
	Leonor Aída Concha	MÉXICO
	Lothar Engel	ALEMANHA
X	Manuel Raimundo	BRASIL
X	Mauro Batista	BRASIL
	Mauro Morelli	BRASIL
	Meis Bockaert	BÉLGICA
	Miguel Concha M.	MÉXICO
-	Miguel D'Escoto	NICARÁGUA
	Miguel Obando Bravo	NICARÁGUA
	Maria Iglesias	E.U.A.
	Mariano Puga	CHILE
	Margaret Coakley	E.U.A.
	Ngindu Mushete	ZAIRE
X	Nora Boots	EUA
	Mike Myers	E.U.A.
X	Oscar Beozzo	BRASIL
	Pablo Richard	COSTA RICA
	Patrick Kalilombe	ITÁLIA
-	Paulo Ayres Mattos	BRASIL
-	Paulo Evaristo Arns	BRASIL
	Paulo Freire	BRASIL
X	Pedro Gonçalves Pereira	BRASIL
X	Pedro Maria Casaldáliga	BRASIL
-	Phillip Poter	SUIÇA
	Priano Tejeda	REP. DOMINICANA
X	Preman Niles	SINGAPURA

FICHA CONFÍ.

NOME

PAÍS

COSTA RICA

Quince Duncan

ITÁLIA

Rossino Gibellini

BRASIL

Richard Onellette

PORTO RICO

Rafael Torres

VENEZUELA

~~Ramón Ovidio Morales Pérez~~

BRASIL

X Ranulfo Peloso da Silva

BRASIL

- Regina Festa

ARGENTINA

René Padilla

PERU

Ricardo Antoncich

URUGUAI

Ricardo Cetrulo

PERU

Rolando Ames

HAITI

Romld Clarismé

CHILE

X Ronaldo Muñoz

STO. DOMINGO

Roque Adames

VENEZUELA

X Rosa Paredes de Aznares

TRINIDAD

Roy G. Neehall

ÍNDIA

X Russel Chandran

E.U.A.

Randolph Nugent

E.U.A.

~~René Padilla~~

PANAMÁ

Salvador Carranza

ÍNDIA

X Samuel Rayan

MÉXICO

Samuel Ruiz

BRASIL

Scilla Franco

PERU

Segunda Torres

CHILE

X Segundo Galilea

MÉXICO

Sergio Mendez Arceo

EUA

- Sergio Torres

BRASIL

- Silvio José Pilon

CORÉIA

Soon Kyung Park

TANZANIA

Ruvino Ann Tekere

X Teófilo Cabestrero

PARAGUAI

X Tissa Balasuriya

SRI LANKA

URIEL MOLINA

NICARÁGUA

FICHA CONF.

NOME

PAÍS

X	Victorio Araya	COSTA RICA
	Vicera Pinto	MOZAMBIQUE
	Virgilio Elisondo	EUA
X	Virginia Fabella	EUA
X	Walter Altmann	BRASIL
X	Werner Fuchs	BRASIL
-	Willebrandts	HOLANDA
X	William Smarth	HAITI
	Zuinglio Dias	BRASIL

CONGRESSO INTERNACIONAL
ECUMÊNICO DE TEOLOGIA

São Paulo: de 20 de Fevereiro
a 02 de Março 1980

CAIXA POSTAL 7173 - SÃO PAULO - BRASIL

LISTA DE PARTICIPANTES POR PAÍS

AFRICA DO SUL

↳ Allan Boesak

ALEMANHA - Rep. Fed.

↳ Lothar Engel

ARGENTINA

↳ Angel Mario Caputo
↳ Beatriz Melano Couch
↳ Federico Pagura
↳ Francisco Nazar
↳ Jennier Chartier
↳ José Miguez Bonino
↳ René Padilla

BÉLGICA

↳ Meis Bockaert

BOLÍVIA

↳ Alejandro Guachalla
↳ Gregório Iriarte
↳ Julio Tumiri Javier

BRASIL

↳ Alfredo Novak
↳ Ana Flore Anderson
↳ Angélico Sândalo Bernardino
↳ Antônio Celso Queiroz
↳ Betto
↳ Carlos Alberto Bordalo
↳ Carlos Kesters
↳ Clodovis Eoff
↳ Daniel Cabixi
↳ Décio Pereira
↳ Edônio Valle
↳ Emlida de Paula Pedro
↳ Fernando Pentesdo
↳ Francisco Manuel Vieira
↳ Guilherme Reinhard
↳ Joel Ivo Catapan

BRASIL (cont.)

- c Ivone Gebara
- c J.B. Libanio
- c Joao ^{DAIME} ^{WRIGHT} Xavier de Souza
- c José Maria Pires
- c José Marins
- c José Thurler
- c Leonardo Boff
- c Lori Altmann
- c Luciane Mendes de Almeida
- c Luís Alberto Gomes de Souza
- c Luiz Eduardo Wanderley
- c Luiz Gonzaga Fernandes
- c Manuel Raimundo
- c Mauro Batista
- c Mauro Morelli
- c Oscar Beozzo
- c Paulo Ayres Mattos
- c Paulo Evaristo Arns
- c Paulo Freire
- c Pedro Gonçalves Pereira
- c Pedro Maria Casaldáliga
- c Richard Onellette
- c Ranulfo Peloso da Silva
- c Regina Festa
- c Scilla ^{RUBEN} ^{ALVES} Franco
- c Silvio José Pilon
- c Walter Altmann
- c Werner Fuchs
- Zuinglio Dias
- Gilberto Gorgulho

CAMEROUH

- c Engelbert Mveng

COLÔMBIA

- ✓ Amparo Beltrán
- ✓ Belarmino Correa
- c Hermengarda Martins Alves
- c Luís Carlos Bernal

CORÉIA

- ✓ Soon Kyung Park

COSTA RICA

- c Elza Támez
- c Hugo Assmann
- c Pablo Richard
- c Quince Duncan
- c Victorio Araya

CHILE

- c Enrique Alvear Urrutia
- c Jorge Hurton
- c Mariano Puga
- c Ronaldo Muñoz
- c Segundo Galilea

EQUADOR

- c Elsie Monge
- c Leonidas Proaño Villalba
- c Ernesto Alvarez

EL SALVADOR

- c Cesar Jerez
- c Jon Sobrino

E.U.A.

- c David Kalke
- c Eugene Toland
- c Jorge Lara-Braud
- c James H. Cone
- c Jaime Phelps
- c James E. Henneberger
- c Joel Martinez
- c John Eagleson
- c Maria Iglesias
- c Margaret Cookley
- c Nora Eoos
- c Mike Myers
- c Randolph Nugent
- ~~xxxxx xxxxxxxx~~
- c Sergio Torres
- c Virgilio Elizondo
- c Virginia Pabellu

FILIPINAS

↳ Carlos Abesamis

GUATEMALA

↳ Juan Hernandez Pico

↳ Juanita Vasques

↳ Julia Esquivel

HOLANDA

Willebrandts

HAITI

↳ Ronald Clarismé

William Smarth

HONDURAS

↳ Herminio Gil

INDIA

↳ Russel Chandran

↳ Samuel Rayan

INGLATERRA

↳ Derek Winter

IRLANDA

↳ Donal Dorr

ITÁLIA

↳ Patrick Kalilombe

↳ Rossino Gibellini

MÉXICO

↳ Arnaldo Zenteno

↳ Enrique Dussel

↳ Fernando Danel

↳ Isidoro Tehintle

↳ José A. Llaguno

↳ Leonor Aída Concha

↳ Miguel Concha M.

MÉXICO (cont.)

- ◁ Samuel Ruiz
- ◁ Sergio Mendez Arceo

Mozambique

- ◁ Viera Pinto

Nicaragua

- ◁ Miguel D'Escoto
- ◁ Miguel Obando Bravo
- ◁ Uriel Molina

PANAMA

- ◁ Salvador Carranza

PARAGUAI

- ◁ Braulio Maciel
- ◁ Teófilo Cabestrero

QUENIA

- ◁ John S. Mutiso-Mbinda

PERU

- ◁ Carmen Lora de Ames
- ◁ Gustavo Gutierrez
- ◁ Jorge Alvarés
- ◁ Ricardo Antoncich
- ◁ Rolando Ames
- ◁ Segunda Torres

PORTO RICO

- ◁ Eunice Santana de Velez
- ◁ Rafael Torres

REPÚBLICA DOMINICANA

- ◁ Lúcia Campos
- ◁ Primo Tejeda
- ◁ Roque Adams

SINGAPURA

↳ Preman Miles

SRI LANKA

↳ Tissa Balasuriya

TANZANIA

↳ Ruvino Ann Tekere

~~Isidor Xandi~~

TRINIDAD

○ Idris Hamid

○ Roy G. Neehall

VENEZUELA

↳ Eduardo Ortiz

↳ ~~Rosario Quintana Hernandez Pizarro~~

↳ Rosa Paredes de Aznares

ZAIRE

↳ Ngindu Mushete

SUÍCA

↳ Emilio Castro

↳ Jose Chipenda

↳ Phillip Poter

URUGUAI

Aracely A. de Rocchietti

Ricardo Cetrulo

ACO
1980
014

1. Iguja - Papa

UM PASSO À FRENTE, MUITOS ATRÁS

Centro de Pastoral Vergeense

N.º _____

BIBLIOTECA

Desde que foi escolhido Papa, João Paulo II tem dado dores de cabeça para os que analisam a política da Igreja.

A escolha de um não italiano foi sinal de que a Igreja se libertava de um velho tabu e dava um passo à frente. Mas ter escolhido um cardeal polonês para suceder a João Paulo I não parecia significar um avanço, já que a Igreja polonesa é conhecida como uma das mais conservadoras (se não das mais reacionárias) de todo mundo.

Pouco tempo depois João Paulo II ia a Puebla, e uma imprensa mundial comprometida e corrompida apresentava o novo papa como um defensor da Igreja conservadora, preconizando a mensagem salvadora e espiritual de Cristo, em oposição à mensagem libertadora e engajada no mundo, defendida pelos teólogos latino-americanos.

Outros comentaristas, pegando trechos de discursos e alocuções feitos por João Paulo II, mostravam que ele estava comprometido com a Igreja progressista, principalmente depois de conhecer melhor a realidade e a miséria de Puebla e da América Latina.

Muito papel se gastou discutindo isso, e na verdade o povo católico não conseguiu acompanhar e entender essa discussão. O tempo iria mostrar quem estava certo.

Infelizmente o tempo está mostrando que aqueles que viam o novo papa como um conservador estavam certos. De Puebla para cá João Paulo II só tem dado passos para trás.

Vindo de uma Igreja conservadora, e cercado pela Cúria Romana essa entidade retrógrada, autoritária e dogmática, João Paulo II parece fazer a História voltar para trás, coisa que ninguém conseguiu até hoje.

Primeiro foi a punição imposta ao teólogo holandês Hans Kung, proibido de ensinar teologia devido às suas posições consideradas "avanzadas". O teólogo brasileiro Leonardo Boff está na mira dos censores de Roma, e se não rever algumas posições que defende na sua teologia da libertação, poderá ser punido também.

Depois veio a insistência para os religiosos retornarem ao uso do hábito, quando na maior parte do mundo essa prática já caiu em desuso.

Há poucos dias, João Paulo II, com a acessoria da Cúria Romana, enquadrou a Igreja holandesa, considerada muito avançada. A partir de agora as dioceses holandesas perderão a autonomia quase absoluta que tinham e passam a agir em sintonia e sob maior controle de Roma. Um bispo holandês estava preocupado em como enfrentar as reações que essas decisões vão provocar nos católicos da Holanda.

E uma das últimas medidas, ligadas a nós brasileiros, é a proibição de vários itens do "Diretório para Missas Populares", aprovado pela CNBB em 1977. É uma tentativa de adaptação da liturgia da missa à realidade brasileira, mas os "doutores da Fé" em Roma temem que essa nova liturgia tire da Igreja seu caráter universal.

O triste nessa história toda, é que o povo de Deus apenas assiste a essas disputas, sem poder opinar ou interferir em nada. Dizer como o Concílio Vaticano II que a Igreja é o Povo de Deus, mas marginalizar esse povo nas decisões, e deixar a Igreja sob o controle dos burocratas de Roma é uma hipocrisia sem limites.

Se Cristo voltasse à terra, é quase certo que sua pregação seria em Roma, e só não seria crucificado porque essa pena não existe mais. Mas que seria excomungado pela Cúria Romana isso seria.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
 INSTITUTO DE ESTUDOS ESPECIAIS E
 DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
 R. Monte Alegre 977 - C.P. 7982 - CEP 05014 - São Paulo
 CONGRESSO INTERNACIONAL ECUMÊNICO DE TEOLOGIA
 A IGREJA NA AMÉRICA LATINA

Abertura da Semana: DOM PAULO EVARISTO ARNS 21/02/80

Vocês já devem saber que, ontem à noite, teve início, aqui em São Paulo, o Congresso Internacional Ecumênico de Teologia. Esse Congresso é promovido pela Associação Ecumênica de Teólogos, integrada por protestantes e católicos. Essa Associação já realizou três Congressos: dois na África e um na Ásia. No Terceiro Mundo, só faltava a América Latina. É certamente uma honra para nossa cidade, ^{que} num continente, tão grande como o nosso, São Paulo seja a escolhida para a realização do Congresso de Teologia.

O Presidente-executivo do Congresso é o querido Bispo Paulo Ayres Mattos, da Igreja Metodista. A Associação dos Teólogos demonstrou o desejo de entrar em contato com vocês, membros das Comunidades Eclesiais de Base e dos movimentos populares. A Pontifícia Universidade Católica, através do seu Instituto de Estudos Especiais, em resposta ao desejo da Associação, aceitou promover esta Semana de Teologia. A promoção se integra no objetivo de nossa Universidade no sentido de estar sempre mais voltada para o povo.

A Semana de Teologia já está sendo uma experiência surpreendente. O pessoal de nossas comunidades da periferia ficou tão entusiasmado que, há um mês, os 1.500 ingressos já estavam vendidos! Em muitas paróquias, as comunidades promoveram encontros de preparação para a Semana. Muita gente veio de outros Estados do país para estar aqui conosco. E sei de pelo menos quatro chilenos que atravessaram os Andes, de ônibus, para estar presentes à Semana.

Todo esse interesse é sinal da vitalidade que o Espírito de Deus suscita entre o nosso povo. Na luta pela unidade entre cristãos e no esforço do encontro com as bases populares o Congresso Ecumênico de Teologia deve contar com todos os homens de boa vontade. Vocês sabem que aqui em nossa Arquidiocese o ecumenismo é vivido como ato de amor: católicos, protestantes, ortodoxos e judeus têm, na luta pela justiça e na defesa dos direitos humanos, seus laços de união. Mesmo aqueles que não têm fé, mas entregam amorosamente suas vidas à causa de libertação dos oprimidos têm, conosco, um encontro marcado no Deus de Jesus Cristo,

pois "Deus é amor e quem ama vive em união com Deus e Deus vive em união com ele" (1 Jo 4, 16).

O que esperamos desta Semana? Queremos escutar. Ouvir pessoas que nos falarão das comunidades cristãs e dos movimentos populares de outros países, principalmente da América Latina. Vamos conhecer um pouco de suas experiências. Vamos conferir nossa prática com a deles. Sobretudo, queremos que eles acendam uma luz sobre desafios que a nossa pastoral popular começa a enfrentar: como assegurar a autonomia das organizações populares de base e, ao mesmo tempo, fortalecê-las politicamente? Estamos vivendo, em nosso país, o momento da criação de novos partidos. Será que, afinal, teremos um partido nascido das bases, de baixo para cima, ou nosso povo continuará como mera clientela eleitoral dos partidos criados de cima para baixo? E será que os movimentos de base - do clube de mães ao movimento sindical - continuarão incentivados em seus trabalhos ou serão todos confinados no balaio partidário? São questões importantes para o nosso povo e, portanto, importantes para nossa Igreja em seu amor preferencial pelos pobres.

Vocês já perceberam como as forças de dominação andam sempre unidas, não? Basta ver as multinacionais, muito bem organizadas pelo mundo afora. Pois bem, que alcance teria a força internacional dos pobres? Pedimos ao Senhor, Deus da libertação, que transforme essa Semana numa ocasião de os oprimidos do Terceiro Mundo darem um passo rumo à sua união. Essa é a vocação de toda a Igreja: ser a Igreja dos pobres e de pobres, à imagem e semelhança da comunidade dos primeiros seguidores de Jesus. Somos seguidores de Jesus. Somos, portanto, servidores da libertação dos pobres. Nesse sentido, podemos afirmar que a nossa Igreja não quer ser senão sacramento da união dos pobres e de todos aqueles que, no Espírito Santo, assumem o compromisso da libertação integral dos oprimidos.

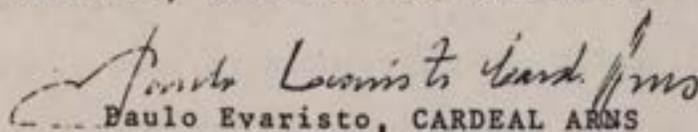
Reunidos, há um ano, em Puebla, os Bispos da América Latina constatavam que "há pouco mais de dez anos, a Conferência de Medellín... afirmava: "Um clamor surdo brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte" (Pobreza da Igreja, 2). O clamor pode ter parecido surdo naquela ocasião. Agora é claro, crescente, impetuoso e, nalguns casos, ameaçador" (Puebla, 89). Sensibilizada por esse clamor, na qual identifica o próprio apelo de Deus, a Igreja "cada vez mais, faz questão de ser independente dos poderes deste

mundo, para assim dispor de um amplo espaço de liberdade que lhe permita realizar seu labor apostólico" (Ib.144). E por isso a Igreja entende que a dinâmica de sua missão evangelizadora deve procurar "a conversão pessoal e a transformação social" (Ib.362). É preciso mudar o coração do homem e o coração do mundo, a pessoa e as estruturas. Não basta a conversão pessoal, se não nos empenhamos na transformação social. Não basta a mudança da sociedade, se não criamos o homem novo, livre dos vícios dos opressores e da cegueira dos oprimidos. Não basta o poder nas mãos das classes populares: é preciso mudar a própria natureza e o caráter do poder.

Durante essa Semana, vocês terão condições de refletir sobre esses temas. Tudo isso diz respeito ao humano e, portanto, diz respeito à Igreja. A Igreja é o Povo de Deus em sua caminhada histórica. Vocês tomarão conhecimento de como essa caminhada se dá em diversos países. Tomara que se consiga superar a barreira da diferença de línguas e que possamos ensaiar aqui, nesses dias, a Pátria Grande latino-americana.

Faço votos que, nesses dias, o coração de cada um de vocês tenha o tamanho do mundo. Seja pois semelhante ao de Cristo.

São Paulo, 21 de fevereiro de 1980


Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS

ALEXANDRE GAUTCHALA (Índio Aimara da Comunidade Metodista da Bolívia)

Como oprimido, camponês, operário, carregador, trabalhador nas Minas, traz ao Povo Brasileiro a saudação dos Aimaras Bolivianos.

Conta como a Comunidade Aimara e os índios bolivianos vêm sendo oprimidos por invasores: incas, colonizadores, imperialistas, porém jamais foram vencidos.

Diz que a própria "igreja - ópio" sempre se aliou aos opressores alienando o povo e enfraquecendo seu espírito de luta, pregando a resignação e a acomodação.

Narra como a comunidade metodista aimara se revoltou contra essa religião opressora pregada por pastores estrangeiros a partir de 1975. Começaram com uma análise crítica feita por pastores aimaras e líderes de base, que puseram em cheque os estatutos metodistas confrontando-os com a situação de pobreza e opressão do país. Rejeitaram os estatutos da Igreja abertamente partidários ao imperialismo; rejeitaram o episcopado estrangeiro a serviço desse imperialismo; exigiram que os bispos fossem todos indígenas e eleitos nas assembleias, e que a igreja optasse decididamente pela libertação do povo oprimido e colocasse seus recursos não mais em colégios para a burguesia mas na formação de líderes de base. Enfim, uma revolução na Igreja. Daí por diante, a Igreja metodista começou a se engajar em todos os movimentos e atos de denúncia da opressão, e a dar decidido apoio à causa dos pobres, participando das organizações sindicais, da central operária boliviana, e abrindo cursos para a formação de dirigentes camponeses.

SUA MENSAGEM

- Unir-se a todos os pobres e a todas as igrejas que lutam pelos pobres.
- Onde há opressão, em nome de Deus, há que combatê-la.
- Aprofundar o conhecimento das causas da opressão e dos meios de superá-la.
- Lutar para mudar o sistema de opressão.

- Preparar-se para morrer na Cruz para que Cristo ressuscite em nos sos irmãos pobres.
- Estabelecer um pacto continental pela justiça na A.L.e no mundo. 200
- Todos somos responsáveis pela opressão.

//

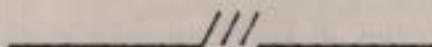
DOM SAMUEL RUIZ (Bispo de Chapas - México)

Conta sua experiência de 20 anos numa diocese constituída por diferentes nações indígenas e como aprendeu a respeitar o pluralismo cultural dessas tribos. Ser homem e cristão implica em descobrir e afirmar esses valores. Até agora, a Igreja tentou mesclar ou pintar de cristianismo a alma indígena, sem respeitar seus valores.

Os indígenas possuem valores comunitários muito grandes e estão acostumados a se respeitarem, não pelo que têm, pelo bolso, mas pelo que são. Recusaram a proposta de formar comunidades de base por que desde a origem já vivem em comunidades e estão acostumados a de cidir tudo em assembléia, onde só termina a discussão quando chegam à unanimidade (não à maioria).

Evangelizar a cultura indígena é o grande desafio de sua vi da, pois essas comunidades não têm consciência histórica e o crístia nismo é por excelência a história da salvação. O caminho foi desper^{ta} tar neles a consciência da própria história e das várias etapas da opressão que lhes foi impingida. Daí oferecer a palavra de Deus como uma via para repensarem a própria história e a própria libertação. O catequista não impunha dogmas nem preceitos morais mas ia recolhendo, a partir da reflexão dos índios, o sentido de crer em Deus, da encar nação, etc. Essa descoberta do cristianismo, a partir da própria co munidade e seus valores, foi o sangue vital da evangelização, chegan do eles ao ponto de elegarem por si mesmos seus diáconos, num siste ma de eleição por indicação dos chefes de família, que respeitava, de maneira absoluta, a opinião de cada família.

Testemunho de um índio: quando alguém me oprime, ele se faz inimigo de Deus e dos irmãos. Só poderei amá-lo quando ele converter seu coração e se fizer meu irmão.



GUSTAVO GUTIERREZ: As comunidades de base são a erupção do pobre.

Os pobres foram sempre os grandes ausentes da história escrita e das decisões políticas mas sempre estiveram presentes na história concreta da América Latina. Hoje vem se operando uma entrada violenta do pobre no cenário da história latino-americana. O pobre está ocupando o centro da cena social e política. Essa tomada de posição vem sendo acompanhada pela Igreja e pela reflexão teológica. Essa erupção é o fato mais importante e irreversível dos nossos países e das nossas comunidades.

COLETIVO: não há pobre individual. Ele faz parte de classes sociais. É um sub-produto de um sistema econômico e social.

CONFLITIVO: produz conflitividade social. Produz inquietude entre os dominadores e esperança entre os oprimidos do Continente.

Construir a sociedade de baixo para cima não é pura declamação. É um desafio cujo caminho vem sendo indicado pelas experiências das comunidades dos pobres.

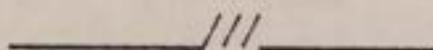
A linguagem dos pobres, quando aparece, é dura.

Quando os europeus chegaram, produziram entre os índios um "pachauti", um mundo ao revês, de cabeça para baixo. Hoje se faz necessário um novo "pachauti" para por o mundo novamente sobre seus pés. Uma mudança radical.

Não declamar mas denunciar e rechaçar. A Igreja persiste em colocar sua residência num ambiente social que não é o do pobre. Veste-se de roupas maltrapilhas mas senta-se comodamente entre os dominadores. O pobre exige mudanças radicais, eis que nossas categorias mais profundas não vêm dos pobres. A conversão da Igreja é algo muito mais do que uma mudança pessoal.

As comunidades de base são o fato mais importante da Igreja de hoje. Elas significam:

- Um compromisso irreversível com os pobres e os oprimidos. Elas ajudaram a Igreja a descobrir (portanto descolhecia) o potencial evangelizador dos pobres.
- O pobre não é destinatário do evangelho mas o portador do evangelho.
- A igreja se dirige a todo o ser humano mas o faz a partir do pobre.
- O evangelho não pede que não tenhamos inimigos, mas que os amemos.
- Como diz um poeta chileno: ao cristão é permitido odiar, mas com um "ódio-puro".





PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS ESPECIAIS E DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
Rua Monte Alegre 977 CEP 05014 São Paulo SP

A IGREJA NA AMÉRICA LATINA

SITUAÇÕES CONCRETAS DE DOMINAÇÃO (23/02/80)

ELZA TAMES - Teóloga Metodista - Seminário Bíblico Lat.Amer. Costa Rica

Refere-se a estilos de dominação mais diretos e mais imediatos que refletem o sistema capitalista como opressor. No decorrer desses casos concretos, destacar-se-á a situação da mulher em condições mais desfavoráveis que os homens. A palestra se fixará na América Central pelo conhecimento que tem da opressão / desta região e neste momento histórico pode-se apreender com o povo local, especialmente com a Nicarágua, que se manifesta como a esperança mais sólida de libertação.

Os países que formam a América Central estão vivendo situações diferentes. Temos um país como a Costa Rica com um governo liberal que recentemente começou a entrar em crise. A Guatemala que vive uma repressão cruel e violenta. Outro como El Salvador, país militar repressivo que está em processo acelerado de luta. A Nicarágua, um país revolucionário, vitorioso que está com a tarefa de re construção de uma sociedade justa.

Na Bíblia falar de opressão não tem nada que ver com almas angustiadas ou aflitas por "espíritos não identificados". A linguagem bíblica é muito concreta. A opressão na Bíblia é uma experiência real que nos fala de um opressor que é rico e se apressa em acumular riquezas a custa do pobre(Jo. 20, Ez. etc..).

Nós, também, como cristãos, não podemos falar da opressão de uma maneira abstrata, universal, pouco analítica. Falamos de uma experiência concreta, de domínio político e econômico, de despojamento, de torturas, de presos, de desaparecidos, de massacres de camponeses.. Experiências dolorosas que são motivadas por uma estrutura opressiva que nega os direitos fundamentais do homem e dos povos pobres. E também devemos ter presente de onde vem esta estrutura e quais / quais os motivos.

Como se vive na América Central? Continuamente há manifestações de milhares de pessoas que protestam pela alta do custo de vida, a alta do transporte, os salários baixos, etc.. E é raro que não haja vários mortos, assassinados a sangue frio pelo exército.

Operários são mandados embora das fábricas sem acerto de contas, se cometem muitas injustiças com os camponeses e trabalhadores. Existe uma instabilidade e insegurança de emprego muito grande. Toda greve é declarada ilegal pelos tribunais de justiça e daí decorrem as dispensas dos trabalhadores, ou então as represálias. Na Guatemala e em El Salvador existem muitos líderes sindicais que

estão desaparecidos, presos ou mortos.

As injustiças são muitas na Guatemala. O trabalhador agrícola recebe 35 dólares anuais e a burguesia agrária deste país, 2.591 dólares. Em El Salvador, o menor país e o mais populoso, a riqueza está muito mal distribuída: 1,9% dos proprietários tem 57% da terra, mas 79% da terra produtiva. Neste país 8% da população recebe 50% da renda anual. A gente se pergunta: por que? Estes são casos concretos que refletem a opressão do sistema capitalista.

Mas existem setores que também são duplamente oprimidos. O camponês, o negro, o indígena têm sido discriminados ao longo da história neste século. O sistema capitalista recolhe estas ideologias discriminatórias e as assume diretamente lançando-as com mais força ao mercado. São duplamente oprimidos primeiro por ser da classe pobre e depois por serem discriminados pela sociedade.

Qual é o panorama que se nos apresenta na América Central?

1. Existe uma situação de opressão que provoca uma resposta popular, a qual exige seu direito à vida.
2. Existe uma resposta popular valente que inquieta aos defensores do sistema. E estes respondem com uma repressão cruel, ou com novas caras, formas de dominação, mas que se desmascaram rapidamente. (Ex.: El Salvador onde houve um alto golpe, mas que as estatísticas dizem que a junta "revolucionária" acumulou uma quantidade de mortos, desaparecidos e feridos tão grande, que nenhum governo anterior conseguiu ^{em} então pouco tempo)

Por que luta nosso povo? Ele não luta por uma democracia no sentido burguês. Quer dizer, não procura só que haja eleições presidenciais livres, tampouco procura somente a mudança das pessoas no governo. Busca a mudança de todo o sistema de vida atual que é o que gera e provoca esta situação de opressão.

Na América Central muitos movimentos populares já têm conhecimento do inimigo e sabem a quem combater. Porque não basta viver uma situação de opressão para tomar consciência da opressão e lutar contra ela, mas é necessário discernir as causas da opressão, os mecanismos. É importante analisar como funciona o sistema capitalista em nosso continente e porque. Qual é a sua essência.

Atualmente o capitalismo tem características imperialistas. Tem se expandido, internacionalizado.

Os cientistas sociais estão de acordo ao afirmar que a base do capitalismo é acumular capital, é obter lucros. Este é o propósito de seu funcionamento. Quando os lucros não crescem a um ritmo apropriado se busca ^{de} uma maneira de adequar outra forma que se siga produzindo lucros num prazo mais curto. Assim,

se vão criando novos estilos de dominação, que a mesma lógica do sistema vai exigindo na marcha da história.

Atualmente o capitalismo tem características imperialistas, o capital tem se estendido e se internacionalizado com o mesmo propósito de ganhar mais.

As empresas transnacionais são a forma mais acabada da empresa capitalista, seu poder causa impacto na economia de todo mundo. As multinacionais, e agora os bancos transnacionais, são a chave da penetração capitalista em nossos países dependentes.

Estes lucros são, por suposto, obtidos a custa de nossos países pobres e de nossas grandes maiorias populares. As empresas transnacionais exigem matérias primas baratas, trabalhadores que recebem baixos salários e pessoas que compram seus produtos. A A.L. apresenta todas as boas condições de opressão. Temos riquezas, trabalhadores e consumidores.

Bem, como o critério do sistema é ganhar e ganhar, não lhe interessa as necessidades reais do país pobre, e da gente pobre. Então eles impõem o tipo de indústria que mais produza e produzir cereais básicos, alimentos de primeira necessidade não oferece muito lucro, então não os produzem nem oferecem empréstimos para que haja esta produção agrícola.

As empresas transnacionais vendem a nosso povo artigos que não são básicos e o fazem através da propaganda em todos os meios de comunicação. Este é um exemplo de imposição de uma indústria de economia que não vai de encontro com as necessidades de nossa gente, nosso povo, vai gerando situações de opressão mortais que retratam o sistema capitalista.

Temos por exemplo o desemprego e subemprego na A.C. que é um problema muito agudo e crítico. Se pode dizer que há uma média de 40 a 50% de desemprego em Honduras, Guatemala e El Salvador.

O emprego é o meio pelo qual o trabalhador obtém seu sustento. É parte da vida. E o sistema capitalista, segundo dados estatísticos, se mostra incapaz de gerar empregos. Na A.C. em vez de aumentar vai diminuindo. Esta persistência de desemprego surge pelo tipo de funcionamento da economia capitalista, a qual nos é imposta.

Os camponeses, por ex., migram para a cidade, mas não tanto por serem atraídos por ela, mas porque não podem viver no campo, são rejeitados, não há portanto possibilidade para que eles cultivem a terra, há uma invasão das empresas transnacionais.

Outro exemplo, que retrata o sistema como opressivo, é o alto custo de vida. Na A.C. tem crescido surpreendentemente, numerosas manifestações populares se realizam por este motivo. No modelo de produção capitalista as necessida-

des básicas se produzem, pois não dão lucro. O governo importa, sobe de preço, a classe dominante dos outros países exige a liberação dos preços, os vendedores escondem os produtos, dando-se a especulação dos produtos básicos, os que sofrem são os pobres, as maiorias.

Outros casos concretos que retratam o sistema opressivo são: a falta de hospitais. Na Guatemala 75% das crianças menores de 5 anos padecem de desnutrição nas zonas rurais, lá não chegam médicos nem medicamentos. Não há educação; existe segundo os distintos países 70, 60 e até 90% de analfabetismo. É insuficiente a moradia, existem muitos barracos, favelas onde se vive em condições infra-humanas. O transporte coletivo é um problema sério para os trabalhadores, etc.. Nenhum desses serviços produz lucros portanto não está dentro dos planos do capitalismo. Como se pode ver, o critério de funcionamento do sistema mostra que a essência do capitalismo, vai em direção oposta a satisfação das necessidades básicas, reais do povo.

Por isso quanto mais se expande o capitalismo, mais se fazem ricos os capitalistas e mais pobres se multiplicam. ~~Está~~ há uma brecha crescente entre ricos e pobres.

O povo na A.L. não luta para que haja eleições livres, pois este não é o motivo de sua luta. Os movimentos populares lutam simplesmente porque tem fome, porque não tem trabalho, nem terra para trabalhar e sobreviver, porque não tem ~~medicinas~~ ^{medicinas}, nem casas, nem escolas. As lutas de reivindicação não são lutas isoladas e nem reformistas, mas são lutas que questionam a fundo o coração do sistema capitalista.

A reação do governo a esta luta popular é de repressão. Por que? Porque a estabilidade política é uma ^{das} condições que as empresas transnacionais exigem para poder inverter os descontentamentos populares, as greves são obstáculos para o crescimento da fábrica. Eles necessitam de um governo que negocie com eles esta estabilidade e lhes ofereça facilidades, não ^{cobre} ~~abre~~ impostos altos, não aumentem os salários, que reprimam os sindicatos e as lutas do povo.

A maioria dos nossos países da A.L. são militares e seguem se militarizando e se armando cada vez mais de forma sofisticada. Assim, temos uma férrea dominação através do terror: torturas, desaparecimentos, presos, massacres de camponeses, trabalhadores e ~~estudantes~~ estudantes de forma aberta.

Apesar desse terror a luta cresce e se consolida cada vez mais. E eu leio e vejo aqui no nosso tempo, a promessa de Deus na boca do profeta Ezequiel (cap.37): abrirei a tumba dos caídos e se levantarão seus ossos secos e colocarei carne e nervos nos ossos e meu espírito de vida entrará neles.

JAMES CONE - Prof. no Seminário Teológico Unido de Nova Iorque

Propôs examinar a relação da fé cristã com a prática política, fazendo especial referência às realidades concretas dos oprimidos e opressores brancos e negros, como também a responsabilidade da Igreja em pregar e viver a fé numa sociedade industrializada e capitalista.

O que é a fé cristã e o que tem ela a dizer sobre a rica e o pobre, sobre as condições socio-econômico-políticas que determinam essas relações?

Não é fácil responder a essa questão nos EE.UU., onde a sociedade pretende separar a Igreja e o Estado, alegando que o cristianismo se preocupa com as realidades espirituais, não com as necessidades materiais do povo. Esta afirmação é comumente aceita, dentro e fora das Igrejas. Disso resulta a tarefa conservadora da religião na política. Se a fé cristã nada mais é do que os interesses políticos dos dominadores transformada em categorias teológicas, então tinha razão Karl Marx quando dizia que a religião é o ópio do povo. Essa religião tem que ser eliminada como todas as outras instituições que legitimam a opressão.

Mas, se a religião e a fé cristã são uma visão imaginativa e apocalíptica em torno da criação de uma nova humanidade, humanidade esta que é fruto de lutas políticas e históricas dos povos oprimidos, então, descrever a religião como um sedativo é não compreender a sua natureza essencial e o seu caráter revolucionário e humanizador.

Quando o significado de cristianismo se colhe dos estratos mais baixos da sociedade, do povo engajado, que luta por sua libertação e não dos que cuidam em manter o "status quo", então algo acontece de radical e revolucionário. Identificando-se com o povo oprimido, que luta pela libertação, o sagrado torna-se um desafio radical à legitimidade das estruturas seculares de dominação. Esse é o estranho caráter revolucionário do cristianismo tão frequentemente mal entendido por pessoas dentro e fora da Igreja. Quando nos abrimos para a experiência do sentido radical da mensagem bíblica e ouvimos tudo o que ela tem a nos dizer, a nós que temos coragem de sermos cristãos, vemos a diferença radical que existe entre certos dogmas estabelecidos e a verdade do evangelho. O evangelho cristão contém a cabal recusa de aceitar as coisas que são como se fossem as coisas que devem ser. Esta

grande recusa é o que faz do cristianismo o que ele é e coloca na natureza mesma do cristianismo uma radicalidade que jamais poderá aceitar o mundo como ele é. Essa perspectiva radical da fé nem sempre tem sido considerada como parte essencial do evangelho, pela menos desde a época de Constantino, quando o cristianismo tornou-se religião oficial do estado romano. Desde então, os intérpretes oficiais da tradição cristã advogaram a visão espiritual do evangelho, que separa fé e justiça política. Daí a atitude de se preocupar em tempos passados, com os pecados dos escravos, condenando a revolta dos escravos; daí o endosso que a Igreja branca americana vem dando à escravidão. Em todos esses casos, os representantes dominadores da tradição cristã, protestantes e católicos, contribuíram para a opressão política da humanidade e para a defesa dos interesses dos ricos. Quando o evangelho é espiritualizado ao ponto de se abolir a distinção entre os que tem e os que não tem, a relação entre a fé e a prática política fica obscurecida.

Recentemente essa separação entre a fé e a prática política vem sendo seriamente contestada pela teologia da libertação, na África, na Ásia e A.L.. A teologia negra também rejeita essa dicotomia entre salvação espiritual, prática política e fé.

A teol. da libertação foi criada por pessoas que conscientemente procuram falar às e pelas vítimas da injustiça, do racismo, do machismo, etc. Quem compartilha essa teol. não tolera a perspectiva de um cristianismo que não relaciona o evangelho às condições socio-econômicas do povo. Afirmam que o evangelho engloba toda a pessoa na sociedade, no trabalho, no lazer. O evangelho se relaciona inseparavelmente com a libertação corporal do pobre.

A crença de que o evangelho da libertação é essencial para a fé cristã não é nova entre o povo negro. Ao contrário, os escravos negros nunca admitiram o ponto de vista do opressor branco sobre o cristianismo; foi por isso que criaram suas igrejas secretas, a partir do século XVIII fundaram igrejas independentes. A igreja, a que pertence, foi fundada por negros africanos em 1787, porque se recusavam a aceitar que a escravidão fosse algo conforme à vontade de Deus. Noventa por cento dos cristãos negros dos EE.UU. são membros de igrejas negras independentes criadas durante o tempo da escravidão. Cedo descobriram que os responsáveis pela opressão não tinham direito algum de lhes dizer o sentido do cristianismo. Começaram a criar igrejas separadas e secretas. Entravam à noite pelas florestas para orar e planejar a libertação. Nessas igrejas é que se gerou a insurreição dos escravos. Nelas nasceram os spirituals.

Essa prática radical da religião negra, essa luta histórica contra a escravidão havia forçosamente de levá-la a separar-se do "status quo" e da religião branca. A teol. negra é a expressão contemporânea desse radicalismo religioso.

Hoje o povo negro apresenta problemas mais complexos de opressão, lutam contra o racismo e afirmam que Deus é negro e não branco. O racismo exprime um aspecto essencial do capitalismo nacional e internacional.

A opressão dos EE.UU. sobre os pobres não se limita ao povo do ^{Minha} seu país. Sua presença, nesse congresso, objetiva compartilhar experiências e analisar a estrutura internacional do capitalismo. Ninguém poderá ser livre enquanto o capitalismo não for destruído. Uma nova sociedade internacional há de ser criada. Ninguém pode ser livre enquanto todos não forem livres. Por isso os pobres do mundo devem se unir na luta comum de sua libertação a fim de criarem juntos um mundo novo.

DOM PEDRO CASALDÁLIGA - Bispo de São Felix do Araguaia

A teol. da libertação não é um fantasma, nem morreu. O congresso está demonstrando que ela é a única teologia cristã decente, coerente, e só pode ignorá-la e não praticá-la quem ignora a situação de escravidão do terceiro mundo e da maior parte da humanidade.

O congresso, neste dia, analisou tres formas concretas de dominação: ~~do~~ negro, do índio, da mulher. Nesse congresso descobriu-se quanto se ignora a Ásia e a África, que constituem a maior parte da humanidade do 3º mundo. A libertação da A.L. não se fará sem a Ásia e a África oprimidas.

No congresso descobre-se a consciência continental da luta.

O Negro. No Brasil há 40 ou 50 milhões de negros. Todos dizem que não há racismo. Mas temos um só bispo negro. Nenhum general, nenhum presidente da república negro.

A Igreja não é racista? O racismo penetra até mesmo nas congregações religiosas: 1ª ordem e ordem 3ª. Faz-se necessário uma verdadeira lavagem cerebral para reexaminarmos a nossa realidade. O pecado não é negro e a graça (veste candida) não é branca.

O Índio. A A.L. não recuperou sua memória nem reescreveu a história do continente. Tanto o índio como o negro vêm sofrendo uma constante perda

de identidade. Nesse sentido estão em melhores condições os índios e os negros dos E.E.U.U., e da África porque, atacados diretamente, reavivam a própria identidade. No Brasil, os mestiços e os mulatos não são nem índios, nem negros. Aí também prevalece o "jeitinho brasileiro". Em vez de segregação deu-se o embranquecimento do negro e do índio. É possível libertar a A.L. sem pensar no negro e no índio? No Brasil há 200mil; na Argentina 600 mil; em outros países mais da metade da população é índia.

Se apenas pensarmos na classe e não na raça não trilharemos honesta e radicalmente o caminho da mudança. O mesmo, se pensarmos só na raça, sem a classe. A história demonstra que minorias raciais vêm dominando a maioria de outra raça. A raça branca é por excelência raça opressora. A raça negra e índia, oprimidas. A luta deve ser fundamentalmente classista, em primeiro lugar.

A grande imprensa apresentou o Congresso como um congresso político porque crê que a política seja um pecado, ou porque julga absurdo a política dentro da Igreja. Caracteriza a Igreja da libertação como uma Igreja apenas política, sem fé. Isso é pura mentira. No congresso há oração constante e dele participam vários profetas e mártires do 3º mundo.

No nível prático, fé e revolução caminham juntas. Quando a fé é verdadeiramente cristã, e a revolução procura realmente uma nova sociedade e um homem novo, diferente, pleno, diverso, livre, que possa ser homem varão e homem mulher, negro e índio, ambos podem caminhar juntos.

Devemos ser mais livres para pensarmos nossa fé e mais livres para julgarmos a fé cristã. Cristão e não cristãos, sejamos mais sinceros e comprometidos em fazermos a verdadeira revolução em nível nacional, continental, do 3º mundo. Deus é índio, é negro, é pobre, é o pai de todos; é o Deus da igualdade, da fraternidade, da vida. Criou o mundo para nós e para que todos tenhamos vida nova e abundante, e os pobres não sejam pobres, nem os ricos mais ricos, para que os escravos sejam livres e não mais exista a possibilidade de opressão e de exploração.



LINHAS DE AÇÃO MISSIONÁRIA E TESTEMUNHO NO PRESENTE E NO FUTURO
DA AMÉRICA LATINA (Dia 29/02/80)

JON SOBRINO - Teólogo Jesuíta de El Salvador.

El Salvador é um país pequeno e pobre. Aproximadamente 21 mil quilômetros quadrados. O Brasil é 450 vezes maior. Mas é muito povoado, possuindo aproximadamente 5 milhões de habitantes. A miséria é muito grande. O país é controlado por 14 famílias da oligarquia latifundiária, que oprimem os demais.

A vida da Igreja. Há comunidades de Base, mas o país é tão pequeno que se pode dizer que forma uma só comunidade com problemas muito comuns. A Igreja, depois de Medellín, vem denunciando que o país, em vez de ser um encontro de irmãos, é um lugar de opressão e morte. Nos três últimos anos a valentia da Igreja cresceu, mas aumentou também a perseguição contra ela e a repressão contra o povo.

Dados sobre a repressão. Nos três últimos anos, 6 sacerdotes, que trabalhavam com camponeses, estudantes e operários, foram assassinados. Quarenta ou cinquenta sacerdotes foram expulsos do país. Também os monges são ameaçados ou expulsos. É grande a violência contra as instituições da Igreja. Num lugarejo, o exército entrou, metralhou a igreja, o sacristão, matando o sacristão que tocava o sino para denunciar a invasão. Já metralharam várias igrejas. Lançaram bombas contra a rádio e a editora do arcebispado. A Universidade dos Jesuítas recebeu nove bombas nos últimos três anos. Há pouco, antes de viajar para o Brasil, metralharam a casa dos Jesuítas onde ele se encontrava. Grande também a repressão contra os leigos em geral e as organizações populares: massacres em massa, cada vez mais frequentes e numerosos, em repetidas operações militares, sobretudo nas zonas rurais, reprimindo manifestações pacíficas, desalojando igrejas e outros edifícios. Assassinatos coletivos de líderes políticos, em especial de sindicatos e organizações populares. Em 1979, houve mais de mil assassinatos, sem contar os feridos, presos e desaparecidos. Neste começo de ano já passam de quinhentos. Só na cidade de Aguilares foram assassinadas 61 pessoas, de 25 de janeiro a 16 de fevereiro.

Testemunho profético da Igreja. A Igreja, na perseguição e na repressão, sente-se unida ao povo e aos camponeses. O que os teólogos não conseguiram fazer em seus livros, fez-se, em termos de unidade, na comunhão do sofrimento: " a Igreja mesclou seu sangue com o sangue do povo " (Monsenhor Romero). Pela primeira vez, o povo notou que a Igreja está com ele, não com palavras, mas com a doação da vida. Na perse-



guição, a Igreja aprendeu quem é realmente o pobre e o aprendeu pelo próprio pobre. Quando ela se dirigia ao pobre, individual e pacificamente, não era perseguida.

Porém, quando se dirigiu ao mundo dos pobres e fez suas as suas angústias, esperanças e lutas, então foi perseguida. Com ele aprendeu também os valores dos pobres, que se organizam, e que na representação mostram a carga ética das suas lutas, a solidariedade, a generosidade na entrega. A perseguição não é senão a outra face da luta pela libertação.

A Figura de Monsenhor Romero. Está relacionada com a perseguição, porque, cronologicamente, a repressão iniciou quando ele assumiu o arcebisado e também porque sua atuação pessoal desencadeou a reação. Um mês depois de sua posse, foi assassinado o primeiro sacerdote em El Salvador. Daí por diante ele presenciou todo o sofrimento do seu povo e foi mudando sua atuação ao ver como assassinavam seus sacerdotes, prendiam, torturavam e matavam os líderes do povo, com o contato com as mães dos presos políticos, com os órgãos, com as comunidades de base, com a fé deles.

O peso de Monsenhor Romero reside em sua credibilidade pessoal. Ele cumpre o Evangelho: seu dizer é sim, sim, não, não. Evita ambigüidades. Há três anos, vem dizendo a verdade sobre o país, em programas radiofônicos e nas cartas pastorais. Num país onde a palavra nada significa e a verdade não existe, pois é manipulada pelos dominadores sua palavra tem grande força. Não hesitou em chamar o Presidente da República de mentiroso, pois ele é mentiroso mesmo. E continua dizendo a verdade, apesar das ameaças de morte. Ele se tornou a voz dos que não têm voz. O defensor dos pobres. Trata-os com carinho, mas está convencido de que é o pobre que deve lutar e ser autor de seu destino. Por isso defende seu direito de se organizar em sindicatos e partidos, pois se não têm poder político, continua escravo da oligarquia. Mas não é um demagogo, Não se esquece de pregar o Evangelho. E pede aos que lutam que não se esqueçam de ser cristãos, pois a fé anima a luta como algo de mais profundo, limpo e puro e faz a luta mais profunda e humana.

PADRE PAULO LENZ- A partir de 1979-Secretário Geral do CIMI

1.- O Fato. A memória dos povos indígenas no Brasil. São povos desconhecidos. Somos estrangeiros em terras indígenas, Reconhecemos seu valor folclórico mas eles já se tornaram um estorvo para a nossa sociedade. Ninguém tem pena do índio que não tem mais pena. Estes são a maioria. A minoria, que ainda tem pena, não passa de 210 mil, cerca de 0,2% da nossa população. E pensar que na época do "povocamento", ou da conquista, se contavam entre 5 a 7 milhões de índios. Foi um verdadeiro despoamento.

2.- A Tarefa. A Evangelização

Que significa anunciar a boa nova a esses povos? É anunciar a filia-



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
ção divina (todos somos filhos de Deus) e a fraternidade humana. Isso se mostra na partilha e na participação. Não só em teoria mas na ação, na transformação da realidade para vivermos como irmãos. O amor não é teoria.

fls. 3

Os primeiros missionários achavam que no índio não havia Deus. Havia ídolos. E pretendiam salvar o índio pagão pela religião e pela civilização. Houve missionários lúcidos que compreenderam que os ídolos reais são a nossa sociedade. Essa é que é selvagem.

3. Os obstáculos. A má notícia da realidade.

Anunciar a boa nova é saber e divulgar a má notícia que reina em torno do índio. Os índios vêm sendo constantemente roubados de suas terras

a) roubo extra-oficial: invasão das terras demarcadas. Por exemplo, em Rorãima, as terras dos índios foram demarcadas por Rondon. Nessa área demarcada já se encontram, hoje, cem mil cabeças de gado, devidamente vacinados, enquanto os índios morrem de doenças por falta de assistência médica. Os pataxós, antigamente em número de dois mil, hoje são um miserável posto indígena caindo aos pedaços, cercado pelo gado e pelo arame farpado, contando apenas 6 índios. Os líderes indígenas vêm caindo sob balas assassinas: em 26/12/79 caiu Angelo Pereira Xavier, morto em defesa de seu povo, os Pankararés; em 29/01/80, foi a vez de Angelo Cretan, cacique dos Caingang, vítima de emboscada. Essa violência generalizada contra os índios é fruto do latifúndio e da estrutura do sistema

b) roubo oficial da Terra. O primeiro é a chamada emancipação. Não querem emancipar o índio, mas as terras dele. Querem parcelar as terras dos índios para torná-los sem força. O índio não precisa de reforma agrária mas de terra demarcada. Estadualização é outro roubo. Com o propósito de descentralizar a máquina burocrática da FUNAI, pretende-se entregar as responsabilidades pelos seus fracassos nas mãos dos governadores. Os que manobram a política estadual são também grandes latifundiários. Como irão defender os índios e não seus interesses? Outro roubo é a escolarização do índio, que significa destruir a sua cultura. Enfim, a militarização do índio, que impede lhe seja dado passaporte ou cédula de identidade sem que antes passe pelo serviço militar

c) guerra cultural contra o índio motivada pelo mito de civilização ocidental e pela ideologia da segurança nacional. Diz e, há pouco, o



Brigadeiro Protásio Lopes de Oliveira: "A Amazônia só será nossa quando for povoada por brasileiros convictos e não por índios que não têm nacionalidade. Não queremos que a Amazô

nia seja um aglomerado de países estrangeiros como a África"...Que teria o Brigadeiro a dizer nas Multinacionais, já instaladas na Amazônia? Aculturá-los, emancipá-los, fazê-los desaparecer é a meta da ideologia dominante. Até as missões são utilizadas para isso. Mas, se esses povos desaparecerem, será uma vergonha nacional.

4- Organização. Para resistirem, deverão se organizar. Os seus líderes devem conhecer nosso tipo de sociedade para aprender a se defender dela e desafiar a tutela da FUNAI. É necessário institucionalizar as Assembléias dos índios. É necessário que eles façam aliança com os oprimidos.

5. Nosso objetivo: Transformação de toda a sociedade.

Temos um trabalho chamado "operação Anchieta" que conta com a colaboração de muitos voluntários, que deixaram tudo numa opção radical pela defesa dos povos indígenas, na luta por sua subsistência.

O índio só sobreviverá quando transformarmos a nossa sociedade numa sociedade de irmãos e construirmos o reino de Deus, quando acabarmos com a opressão das classes e com a confusão de Babel. Nosso objetivo não é uniformizar todos os homens, fazer deles soldados. Queremos garantir um pluralismo cultural e pentecostal.

Os povos indígenas já são em parte uma antecipação do Reino, pois mostram onde queremos chegar: praticam uma vida comunitária, a distribuição igualitária dos excedentes (todos têm fome ou ninguém tem); possuem uma liderança que não é autoritária nem democrática. Dão valor aos velhos e às crianças.

6. Perspectivas. É a esperança dos pequenos que derruba os poderosos. Já algumas vitórias significativas foram alcançadas como a dos Xocós contra a poderosa família dos Fauto, como a dos 1.400 Kaingangas de Nonoai, que expulsaram 8 mil invasores, em maio de 1978; como a dos Xoco-Kariri que transformaram uma fazenda em reserva indígena xoco-kariri. Isso traz a esperança de que o sangue derramado pela causa justa dos povos indígenas e de todos os marginalizados seja o sangue de uma nova aliança, senão de união de todos os povos indígenas e de todos os povos oprimidos.



DOM JOSÉ MARIA PIRES - Bispo e Presidente da Regional Nordeste II

As linhas de ação pastoral da Regional Nordeste II

Elas não nascem de coisas abstratas mas da realidade. São uma das cobertas, nos fatos, da direção que o Espírito Santo está imprimindo à Igreja. A Igreja sempre foi missionária. Mas, no passado, o foi mais para dentro de si. Seus fiéis estavam mais preocupados - em defendê-la. A verdadeira missão da Igreja é para fora. As linhas da sua ação se realizam no mundo, e ela não se preocupa tanto consigo mas com a sorte das multidões que sofrem. Essa foi a grande virada da Igreja, a partir do Concílio Vaticano II. O Concílio de Trento se preocupava em formar padres para a Igreja. A partir do Vaticano II os padres e os agentes de pastoral são formados para o mundo. Essa diferença marcou também a liturgia. Enfim, é uma igreja a serviço do mundo, buscando a comunhão e a participação.

A Igreja existe em função do Reino mas tem consciência de que o Reino ultrapassa as suas fronteiras e que ela não é a única força na construção desse Reino. Sua missão é um serviço de ajuda aos homens para levá-los a identificar as realizações e os ensaios do Reino e provocá-los a novas realizações e ensaios.

Para levar a efeito essa tarefa, não há linhas universais, pois a realidade é ricamente diversificada. Por isso há que se descobrir nas mais pequeninas fontes, o sentido da caminhada, e a direção - pela qual Deus quer que a Igreja atue.

As linhas seguem 4 direções fundamentais:

1ª- opção pelos pobres e oprimidos. Essa atitude leva a Igreja a se colocar ao lado deles e a lutar pela libertação integral deles junto com eles. Nessa opção, a Igreja convida os ricos a aderirem à causa do pobre como o único caminho para se libertar do pecado. As portas não estão fechadas para os ricos. Mas não serão as suas associações nem as suas esmolas que os salvarão e sim a adesão à causa dos pobres.

Essa opção é um desafio constante para todos, desde o bispo até o mais humilde membro das comunidades de base.



2º- Participar da vida do povo e com ele conviver. No passado a Igreja evitava expressamente essa convivência. A batina e o hábito dos religiosos e religiosas demonstravam essa intenção. Hoje, procura-se a convivência fraterna entre os religiosos e o povo, até o ponto de as congregações religiosas irem para as missões sem programa algum: vão para aprender com o povo e para serem irmãs do povo.

3º- Desenvolver a ação evangelizadora de modo que o povo mesmo se liberte. Por isso o povo tem que ir assumindo suas responsabilidades e se organizando, com poder de decisão. Podem até errar. Mas se for decisão deles, deve ser respeitada. Isso evita nosso paternalismo em quereremos fazer pelo povo.

4º- Ação Pastoral a partir dos pequenos núcleos de fé. O agente é apenas um fermento no meio do povo e a evangelização se faz não a partir do animador mas do núcleo que vai se formando ao redor da fé. Não cabe ao animador fazer com que os fiéis acordem dentro de uma Igreja, mas é seu dever fazer o núcleo assumir as tarefas que a fé exige.

Essa evangelização se faz por ambientes específicos de convivência humana. Uma mesma comunidade não pode abrigar o patrão e o operário, o rico e o pobre. Isso só seria possível se os ricos comungassem seus bens com os pobres.

O núcleo age com a corresponsabilidade de todos os membros e não apenas da autoridade. A autoridade não é quem dá ordens, mas quem ajuda a crescer

A Metodologia Empregada.

1º- analisar a realidade. Quem faz essa análise é o povo, não o técnico. Mas nem por isso deixa de ser científica: parte dos fatos concretos e procura descobrir as raízes dos acontecimentos

2º- Interpretar a realidade à luz da palavra de Deus. O povo tomou conta da Bíblia, do Antigo e do Novo Testamento. Há pessoas que entram na escola só pelo desejo de poder ler a Bíblia.

3º- Transformar a realidade pela ação. Não há comunidade só de oração ou de estudo. A evangelização parte da ação e da volta à ação.

4º- Avaliar sempre o que foi feito

5º- Organizar a ação a partir do próprio povo.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS ESPECIAIS E DEPARTAMENTO
DE TEOLOGIA;
R. Monte Alegre 977 - cep 05014 - São Paulo - SP
Congresso Internacional Ecumênico de Teologia
A Igreja na América Latina

MOVIMENTOS SOCIAIS POPULARES (26/02/80)
Aspectos políticos, Econômicos e Sociais.

PADRE HERMÍNIO GIL - Honduras

Honduras, fronteira com a Nicarágua livre, com o conflitivo San Salvador e com a Guatemala reprimida, possui 110.000 Km² de extensão e apenas 3 milhões de habitantes.

É um país dependente econômica, social, Política e culturalmente. Também chamada República das Bananas, é explorada por uma grande companhia multinacional, que exporta toda sua produção de frutas. Do seu território, 10% está nas mãos de camponeses pobres, 20% nas mãos de crioulos nativos e os restantes 70% nas mãos de estrangeiros.

Papel dos cristãos.

Desde 1950, a igreja Católica animou o movimento desenvolvimentista. Naqueles anos estava em voga a promoção do desenvolvimento econômico-social. Sentindo-se pobre em dólares, em padres e religiosos (é o país onde há menos vocações na A.I.) começou, a partir de 1960, a promover os leigos, selecionando-os e promovendo-os ao ministério. Surgiu então uma multidão de líderes cristãos, que desempenham importante papel no culto, em serviços radiofônicos, em cooperativas, etc... Possuía 7 bispos que trabalhavam muito unidos, tanto assim, que antes do Vaticano II, a Igreja Hondurenha foi a primeira a optar pelos pobres e a despertar grande inquietação face às injustiças sociais. Com o Concílio e com a Conferência de Medellín, essa opção se torna ainda mais clara. Em 1965 apareceram os delegados da palavra de Deus, criados, a princípio, para servirem a Liturgia da Semana Santa. Mas tanto êxito obteve esta instituição, que esses delegados passaram a servir ao culto, durante todo o ano, e no país inteiro. São selecionados e treinados em breves cursos sobre Liturgia e Bíblia, que duram 8 dias. Fazem esses cursos durante 6 anos. Muitos aprenderam a ler com a Bíblia na mão. Hoje, a Igreja conta com 10 mil leigos animadores de comunidade.

As mulheres, a princípio marginalizadas, começam a ser integradas nessa liderança comunitária, através de cursos simples e liturgia semanal e específica para elas. Já foram clubes de mães, já questionar a situação da comunidade do país, assumindo uma atitude crítica face a realidade. Honduras possui 100 mil camponeses organizados.



Em 1975, a Igreja passou por grande crise, quando o governo, temendo as consequências desse trabalho, resolveu dar-lhe um golpe mortal. Prendeu e fez massacrar, de forma brutal, 14 pessoas, pacíficas e desarmadas, agentes de pastoral, mulheres, moças, 2 sacerdotes. Foram torturados até a morte e depois jogados num poço, que foi, em seguida, dinamitado, para não deixar vestígios.

O crime foi descoberto, despertando enormes protestos dentro e fora do país. Mas, desde então, a Igreja se dividiu, e os bispos se acovardaram. Apesar disso, os movimentos populares continuam sua luta, organizando-se em sindicatos e outras agremiações, de camponeses, operários, índios, mulheres, professores, estudantes.

GUILHERMINA = COLOMBIA

Mãe de família e camponesa. Oriunda da capital petrolífera da Colômbia, região muito rica, mas só para alguns. Ela pertence à maioria, que nada tem. Faz parte de uma organização de mulheres camponesas. Organizam-se a nível de bairro para tomar consciência da opressão em que vive o país, da opressão das mulheres, que não são reconhecidas como pessoas, nem têm o direito de reclamar nada e são castigadas quando o fazem.

Fazem reuniões quinzenais e travam uma luta reivindicatória, dividindo-se as tarefas conforme as necessidades. No início eram 50, agora já são mais de oitocentas em seu grupo. Se difundiram em várias cidades sendo que o grupo menor conta com 320 mulheres organizadas. Trabalham como agentes de pastoral nas paróquias. Mas são perseguidas tanto pelo governo, quanto pela hierarquia (a Colômbia possui o episcopado mais conservador da América Latina). Alguns sacerdotes lhes dão cobertura, à revelia dos bispos, pois a estes não convém que se reclame o que é justo: isso é pecado. Virtude é aceitar a pobreza como uma situação desejada por Deus.

Tarefas libertadoras do movimento:

Organizam movimento cívico contra o custo de vida (na Colômbia a fome é generalizada). Chegam a bloquear as ruas, não permitindo a passagem de produtos para o comércio, em luta contra os especuladores. O governo começa a se inquietar e a perguntar o que querem. A resposta é que necessitam viver e querem acabar com a especulação. São reprimidas de todas as formas, nos cárceres, nas torturas. Mas continuam corajosa-



mente. Já conseguiram, certa vez, tomar um terreno e dar abrigo para 1360 famílias. Nos bairros pobres reivindicam água, luz elétrica, esgotos.

Lêem a Bíblia e relacionam o evangelho com o trabalho que realizam e, à luz da Palavra de Deus, estão convencidas de que o que fazem não é mal nem é pecado. Muito pelo contrário. É um culto a Deus, que fez o mundo e a terra para todos. Contou enfim como conseguiu enfrentar um coronel de terras, quando esse viu um de seus territórios invadidos por 80 famílias e procurava chamar o exército para despejá-las. Como lhe demonstrou que aquela terra não era sua, mas fora roubada dos índios massacrados pelos antepassados do coronel.

Enfim cantou para a assembléia o Hino, que costumam cantar em suas reuniões. Hino esse censurado. Quando alguém é pego pela polícia levando esse hino escrito, fazem-no engolir o papel.

refrão: Compañera despierta, compañera/ a la conquista de la libertad/
si nos explotan porque no nos unimos?/ si nos unimos nadie nos
vencerá.

1. Son tus manos las manos de tu pueblo/ encallecidas de duro trabajar/
por nuestra fuerza le estamos dando al rico/ el dinero, el progreso
y el bien estar.
2. Si nuestros hijos hoy se mueren de hambre/ viven desnudos y ni en la
escuela van/ los culpables no son sólo los ricos/ sino el cobarde que
si niega a luchar.
3. Si hoy vivimos en míseros subúrbios/ si no ganamos ni para comprar
el pan/ (....)
4. Necesitamos por eso estar unidas/ la dura lucha con fuerza empreen-
der yá/ marchemos juntas/ seguras y decididas/ que nuestro pueblo re-
clama libertad.

.....

Fr. Carlos Mesters. Como o povo está usando a Bíblia nas comunidades e como a Bíblia ajuda o povo a crescer.

A Bíblia ocupa um lugar importante na vida das comunidades. Ela é como o motor dentro do carro. Empurra-o. Não é o volante. O volante é a cabeça do homem. Nos primeiros veículos, o motor era grande e visível, gastava muita gasolina, era lento. Hoje, o motor é menor, mais silencioso



oso, gasta menos gasolina, desenvolve mais potência e deixa mais lugar para a bagagem. Assim é a Bíblia na vida das comunidades.

Eis algumas questões que as comunidades do Ceará costumam levantar nos círculos bíblicos: o trabalho das comunidades é da cabeça do padre, é comunismo ou é palavra de Deus? O que a Bíblia diz para quem luta nos sindicatos? O Evangelho é coisa de reza ou tem coisa mais lá dentro? Um padre veio aqui e explicou o evangelho de um domingo, do lado do patrão; nosso vigário explicou esse mesmo evangelho do lado do agricultor. Quem tem razão? A Bíblia confirma a nossa caminhada?

Muitas vezes, depois que eu explico passagens da Bíblia em reuniões das comunidades, na discussão não aparece nenhuma pergunta relacionada com o que falei. Isso me preocupava. Cheguei à explicação dessa atitude quando percebi que, nas comunidades, sempre aparecem três elementos: a Bíblia, a comunidade e a realidade. Quando falta um desses três elementos, o grupo não funciona bem. Quando os três se juntam, a caminhada é excelente. Percebi que a Bíblia, que eu procurava lhes explicar, desaparecia e deixava lugar à discussão da realidade, mas sumia como o sal na comida: temperava todo o encontro. Na hora em que a comunidade descobre a própria vida dentro da Bíblia recupera enorme força e coragem.

A palavra de Deus não está só na Bíblia; está escondida na realidade. A Bíblia serve de ajuda para descobrir onde Deus está nas coisas. Deus fala misturado nas coisas. Como disse um camponês nordestino: "Igreja é nós troca idéias entre nós pra descobrir a idéia do Espírito Santo no povo".

Bloqueios. Mas a integração entre a Bíblia, comunidade e realidade sofreu vários bloqueios.

Um deles é o analfabetismo. Não sabem ler, e a Bíblia é um livro. Muitos acham a saída transformando a Bíblia em poesia, em canto, em figuras, na dramatização, no teatro. Ou decorando as passagens da Escritura.

Um outro é a escravidão à letra e o hábito de tomar tudo ao pé da letra, e pensar que nada na Bíblia se pode mudar. O bom senso vem ajudando a romper esse bloqueio (exemplo: a proibição de comer carne de porco foi assim desbloqueada por uma comunidade: "foi proibido porque naquele tempo a carne de porco dava muita doença. Deus quer, em primeiro lugar, a saúde e a vida do povo. E entre nós a carne



de porco traz vida e saúde. Por isso Deus manda comer carne de porco".

Afinal, Carlos Mesters cantou o hino do mandacaru, planta do sertão, que resiste a todas as intempéries e é o símbolo do povo nordestino.

refrão: Só mandacaru, mandacarú, mandacarú
Resistiu tanta dor.

1. Na terra de seca não tinha suor/ nem lágrimas saem dos olhos que sentem dor./Tamanho verão o céu prometeu/ Não há quem resista a tão grande calor (bis).
2. Poeiras o vento levanta do chão/ e faz o azul desse céu esbranqueçar/O verde a tempo não nasce aqui/ Será que o meu Deus se esqueceu deste lugar? (bis)
3. No meio daquele deserto agrião/ um verde bonito suspenso no ar./ De braços erguidos pedindo ao céu/ tem dó deste povo aprendeu a rezar(bis).
4. Tem flor e tem fruta, uma beleza só/ tá sempre aí seja inverno ou verão traz sombra e esperança de um dia mudar/ é sinal que a terra ainda tem coração (bis).
5. Um dia quiseram arrancá-lo dali/ progresso dos grandes não tem coração/ A gente se uniu defendeu de pé/ É sacrário do povo ninguém põe a mão (bis).
6. Então perguntaram pra que tanta fé/ o mato arrogante merece paixão/ mas o coração da gente gritou:/ Mandacaru é povo sofrido sertão (bis).

FATORES DE VITALIDADE E DE ESTAGNAÇÃO DA IGREJA
NUM CONTINENTE CRENTE E OPRIMIDO (22.02.80)

JUANA DA GUATEMALA:

A maioria da população da Guatemala é constituída por índios. Desde a conquista do país, vem sofrendo discriminações, marginalização e exploração. Dá-se rígida separação entre mestiços e indígenas. Aqueles, considerados superiores, estes inferiores.

A religião dominante (católica) sempre taxou de idolatria a forma de crer dos antepassados indígenas, procurando arrebatá-la a identidade religiosa das tribos. Atualmente, o grupo indígena está dividido em grupo cristão e grupo de fé autóctone.

Há um esforço para superar essa divisão, a partir do Concílio Vaticano II, que admitiu a pluralidade das formas de relação com Deus. Por isso, a evangelização está buscando descobrir os valores indígenas conforme o evangelho. Cristãos e não cristãos põem de lado as barreiras e procuram descobrir o evangelho da vida e da justiça, abrindo os olhos e tomando consciência da situação de opressão e de discriminação em que vivem. Esse trabalho, não só os índios vêm realizando, mas todos os pobres. Cresce a consciência da própria identidade e da sua situação de classe explorada e, ao mesmo tempo, a convicção de que somente unidos poderão conseguir a libertação.

Na Guatemala, há populações mais sofridas e outras menos. Todos vêm se conscientizando e procurando unir-se para a luta. Dizem que os índios são passivos e acomodados. Os fatos desmentem essa opinião. Desde 1921, contam-se inúmeros levantes de grupos indígenas, todos sufocados pelos dominadores. Nunca, porém, se conformaram com a opressão. Hoje, eles têm plena consciência de que é impossível lutar e vencer em grupos separados. Só a união de todos possibilitará uma vitória, em especial se lembrarmos que os índios da Guatemala possuem vinte e duas línguas diferentes, que se subdividem em inúmeros dialetos.

A consciência de serem pobres e o diálogo entre indígenas e não indígenas e não indígenas é o traço de união. Já formam entidades de classe sendo a mais atuante o Comite de Unidade Camponesa que luta em várias frentes, fazendo face aos problemas da terra, dos salários, e outras injustiças, buscando caminhos de superação.

Os massacres têm atingido principalmente a população indígena. Certa vez, 119 índios, homens, mulheres e crianças, que foram à Capital para regularizar a documentação, caíram em emboscada e foram brutalmente massacrados. Isso acontece frequentemente, até o último clamoroso massacre na embaixada espanhola.

Um dos grandes problemas que os índios enfrentam, atualmente, é o custo de vida e a desvalorização crescente dos seus produtos agrícolas.

Face a essa situação de injustiça vão tomando consciência' de que o Reino de Deus exige a implantação da justiça. Todos têm direito a viver com dignidade, como seres humanos. Deus deixou a terra para todos.

Essa situação de opressão nos compromete a todos, cada um em seu lugar, na luta pela justiça. Essa é uma tarefa de todos nós.

_____///_____

WILLIAM SMARTH - (Sacerdote do Haiti).

Há onze anos foi sumariamente expulso do seu país. Vive em Nova Iorque trabalhando junto aos migrantes do Haiti, que só nessa cidade são 250.000.

O Haiti é o país mais desconhecido da América Latina. É o país da pobreza por excelência. Entretanto, foi o primeiro a ser independente, em 1804. No Haiti, deu-se a primeira revolução verdadeira na América Latina e a primeira luta guerrilheira, quando a população de escravos negros conquistou sua independência da França de Napoleão. O Haiti ajudou vários outros países a conquistarem a própria independência.

Mas, desde cedo, a repressão por parte do imperialismo se abateu sobre o país. Assim, já em 1884, primeira reunião panamericana, a presença do Haiti foi vetada pelos Estados Unidos, por temor de que outros países escravocratas seguissem seu exemplo de libertação. Daí por diante, a história do Haiti é uma história de vigilância pelos poderes imperialistas, em especial pelos Estados Unidos, para os quais a miséria dos negros do país é salutar porque confirma a tese de que os negros não têm capacidade de se governarem por si mesmos.

A pobreza econômica é o primeiro grave sintoma do país. Um camponês ganha 60 dólares por ano. Apesar dos grandes investimentos americanos, o salário do operário é de um dólar e 65 centavos (aproximadamente Cr\$ 80,00) por uma jornada de 10 a 12 horas de trabalho. Não há qualquer tipo de seguro ou previdência social. A população agrícola vive do plantio do café e do açúcar mas o lavrador não tem terras.

A pobreza política é outro sintoma. É o país politicamente mais atrasado do mundo. Lá acontece o inaudito da chamada República Hereditária. O país há tempo é oprimido pela dinastia dos Duvalier, a qual, mediante seus Ton-Ton Macuts (milicianos), prendem, torturam e matam sumariamente a qualquer suspeito de oposição ao regime; inúmeros desaparecem, sem deixar vestígio. Nos cárceres, nenhuma visita é permitida, nem de familiares nem de sacerdotes ou de médicos.

Dominação cultural: a língua do povo é o crioulo, mas os dominadores falam o francês. É a língua das escolas. Entretanto, 85% da população não vai à escola. Muitos têm vergonha de dizer que não falam o francês. Todos os discursos oficiais, e até os julgamentos são feitos em francês para um povo que nada entende. A Igreja tem sido um instrumento de dominação econômica, política e cultural.

Econômica: porque aliada com os poderosos e com as classes dominantes. Cultural: porque suas escolas garantem a continuidade da dominação e inculcam a ideologia dominante. Política: porque de

1956 a 1967 calou-se perante as injustiças e a partir desse ano começou a falar para defender a ditadura. Desde 1860, está em vigor uma concordata entre Haiti e a Santa Sé que permite ao chefe da Nação nomear os bispos. Estes naturalmente são escolhidos entre os partidários do governo. Quando, em 1969, Pe. William e outros oito sacerdotes foram sumariamente expulsos do país, nenhum bispo se levantou para protestar e até hoje ele nunca recebeu uma carta sequer de seu bispo. Até 1966, o episcopado era constituído de bispos estrangeiros. Nesse ano, foram nomeados 5 bispos auxiliares haitianos.

Apesar disso o povo segue com esperança as lutas que se travam em outros países. E, na medida do possível, busca caminhos de superação. Por exemplo, quando caiu Somoza, ninguém conseguiu impedir o povo de sair nas ruas e festejar embora Somoza fosse amigo íntimo de Duvalier. Não é um povo morto. Continua lutando, apesar da repressão e do enorme número de espões. Ocasião dada, vêm aparecendo algumas formas de lutas, camponeses protestam pela desapropriação e a perda de suas terras; nos últimos dois anos aconteceu uma greve de operários, fato que não se dava há vinte anos.

Sacerdotes, religiosos e religiosas trabalham como podem para conscientizar o povo. Os que vivem no exterior colaboram mandando jornais, revistas e subsídios para uma evangelização libertadora.

Terminou fazendo um apelo para que ajudemos o Haiti com nossos subsídios, experiências e apoio. Há uma semelhança entre a nossa problemática e a do Haiti, mesmo no aspecto religioso. Lá domina o Voodoo como forma de religião popular como aqui campeiam os ritos afro-brasileiros. A Igreja tem que buscar meios de entender essa religiosidade e ver como o cristianismo pode levar sua mensagem a esses ritos sem violentá-los.

(No plenário foi sugerido, como forma de ajuda concreta ao Haiti, a elaboração de um documento ou abaixo assinado pedindo

Entre os empecilhos, fatores de estagnação:

- a) Bloqueios teológicos, ideológicos dos cristão, que não avançam com e como os movimentos populares.
- b) Ambiguidade da religiosidade e cultura popular, onde existem elementos alienados assimilados nestes séculos de dependência e opressão.
- c) Comportamento de certos agentes de pastoral, que reproduzem, dentro das CEBs, estruturas autoritárias, paternalistas ou extremamente personalizadas. Os cristãos populares não evoluem em consciência crítica e prática autônoma.

E teríamos muitos outros fatores....

_____//_____



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO FIS 1

CONGRESSO INTERNACIONAL ECUMÊNICO DE TEOLOGIA

" A IGREJA NA AMÉRICA LATINA "

DEPOIMENTO DOS CRISTÃOS DA ÁSIA E DA ÁFRICA

E

ENCERRAMENTO DA SEMANA

DIA 01/03/80

COMPONENTES DA MESA: D. Paulo Evaristo Arns (Presidente da mesa)
Prof. Dr. José J. Queiroz (Moderador)
Tissa Balassouria (Do Sri-Lanka-antigo Ceilão-
Representante dos Cristãos
da Ásia)
José Chipenda (de Angola. Representante dos -
Cristãos da África)
Dr. Sharon (da Índia, Presidente da Assoc. dos
Teólogos do 3º Mundo)

José J. Queiroz: Atendendo a sugestão da noite do depoimento do representante do Haiti, foi elaborado um abaixo-assinado que, se aprovado pelos presentes, será encaminhado à S.S. o Papa João Paulo II. Em seguida, submete-se também aos presentes uma moção de apoio às lutas de libertação dos povos da Nicarágua e do 3º mundo, bem como a exigência de uma rápida averiguação e julgamento do assassinato de Santo Dias da Silva, e por fim, de apoio aos bispos do Brasil, em vista da posição assumida em favor de uma autêntica reforma agrária.

TISSA BALASSOURIA (Ex-Reitor da Universidade São Tomás de Aquino, cargo ao qual renunciou para se dedicar a um trabalho de pastoral junto aos estudantes e aos movimentos populares).

Eu gostaria de tratar do tema da Igreja e a libertação dos pobres e oprimidos e apresentar alguns aspectos da libertação dos pobres e oprimidos na Ásia. Naquela parte do mundo, que inclui a Índia, a China, o Sudeste e Oeste da Ásia e que contém quase 60% da população do mundo, o problema não é só a pobreza, mas também a opressão dos povos europeus, há séculos e, mais atualmente, a opressão do capitalismo e particularmente das multinacionais.

Esse povo também não tem terra para si. Países como os E.U.A., o Canadá, a Austrália e a URSS, que além de suas vastas extensões territoriais, estão explorando os recursos da Ásia.

O processo de libertação da Ásia, já existe há várias décadas. Há países, como a China, que já não necessitam mais de auxílio externo. Eu pensei que o Brasil, em virtude de seus enormes recursos, poderia atingir, não só uma total independência econômica, como também poderia até ajudar a sustentar 500 milhões de pessoas em todo o mundo.

Assim, podemos dizer que, uma conclusão a que chegamos é que dentro do capitalismo nós não encontramos nenhuma resposta aos nossos problemas.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO fls.2

Importante será também, acompanhar o processo que se desenrola no Irã, onde a liderança religiosa está tomando a iniciativa pela libertação de seu povo.

A Igreja na Ásia, até muito recentemente, estava a favor do sistema que explorava nossos povos, porém hoje ela está na dianteira da defesa dos direitos humanos e na luta pela transformação da sociedade.

JOSE CHIPENDA- (Angola)-Importa-nos destacar os fenômenos importantes que se desenrolam atualmente na África, bem como a contribuição das Igrejas cristãs. Na África, o que se conhece não é outra coisa se não a grande comunidade da pobreza, pobreza esta que não é sentida porque é partilhada entre todos.

O continente africano é tão grande, e com problemas tão diversos que fica difícil de entendê-los até mesmo para os próprios povos africanos.

A concentração da inteligência africana, hoje em dia, deve mobilizar e conscientizar o povo para que ele readquira aquilo que perdeu, após tantos séculos de colonização. Agostinho Neto dizia que a África está diante de um inimigo com três cabeças: uma, é o colonialismo; a segunda são os jornais que interpretam os fatos e as notícias de acordo com os interesses daqueles que detêm o poder econômico e a terceira cabeça desse inimigo é o próprio africano não conscientizado, que procura travar o processo de libertação de seus irmãos. Em Angola, hoje em dia, não se luta apenas contra as forças da África do Sul, mas luta-se também para agregar todos os angolanos sob a mesma autoridade.

Nós, na África, achamos que as vitórias do passado, por si só, não garantem um futuro brilhante, razão pela qual estamos muito interessados na teologia da libertação e tudo mais o que se passa na América Latina, e em especial no momento, no desenvolvimento dos fatos na Nicarágua, onde, todo um povo uniu-se contra um só opressor.

DOM PAULO EVARISTO ARNS: (E n c e r r a m e n t o)

Como concluir? Não há conclusão! A coisa apenas começou. Chegaram aqui na mesa inúmeras sugestões, tais como: (1) estudar os casos que ainda não foram estudados, tais como o movimento da não violência; (2) que haja continuidade das noites de palestras; (3) que se repitam estas semanas com a participação de variadas tendências; (4) que se repita anualmente uma Semana de Teologia do 3º Mundo para retomarmos,

CONGRESSO INTERNACIONAL
ECUMÊNICO DE TEOLOGIA

São Paulo: de 20 de Fevereiro
a 02 de Março 1980

CAIXA POSTAL 7173 - SÃO PAULO - BRASIL

LISTA DOS PARTICIPANTES NÃO LATINOS
E DOS OBSERVADORES

NON-LATIN AMERICAN PARTICIPANTS IN THE SAO PAULO

CONFERENCE OF EATWOT -- February 20¹⁶ - March 2, 1980

ASIA

1. Rev. Samuel Rayan, S.I.
23 Raj Niwas Marg
Delhi, 110054
India
2. Rev. Carlos Abesamis, SJ
Loyola House of Studies
P.O. Box 4082
Manilla, Philippines
3. Prof. Soon Kyung Park
EWA Women's University
Seoul, Korea
4. Preman Niles
CCA Office
480 Lorong 2
Singapore, 12
5. Rev. Tissa Balasuriya
Centre for Society and Religion
281 Dean's Road
Colombo 10, Sri Lanka
6. Prof. Russell Chandran
Lutheran School of Theology
1100 E. 55th Street
Chicago, Illinois 60615

AFRICA

1. Prof. Allan Boesak
P.O. Box 182
Bellevue, 7530 South Africa
2. Rev. Ngindu Musheta
B.P. 823
Kinshasa XI Zaire
3. Rev. John S. Mutiso-Mbinda
Amecea Pastoral Institute
P.O. Box 908
Eldoret, Kenya

4. Rev. Engelbert Mveng
P.O. 1539
Yacunde, Cameroun
5. Miss Ruvimbo Ann Tekere
Dept. of Sociology
University of Dar Es Salaam
Box 35051
Dar Es Salaam, Tanzania

UNITED STATES

1. Sr. Jamie Phelps, OP ?
Catholic University
Caldwell Hall - Box 53
Washington, D.C. 20064
2. James Cone
Union Theological Seminary
Broadway at 120th Street
New York, New York 10027
3. Maria Iglesias
4. Jorge Lara-Braud
475 Riverside Drive Room 872
New York NY 10027
5. Joel Martinez
475 Riverside Drive Room 329
New York, New York 10027
6. Vigilio Elizondo ?
7. Mike Myers ?
8. Rev. William Smarth (Haiti)

STAFF - EATWOT - TIA

1. Virginia Fabella
68 S. Highland Avenue
Ossining, New York 10562
2. Sergio Torres
475 Riverside Drive Room 1268
New York, NY 10027
3. Margaret Coakley
475 Riverside Drive 16th floor
NY, NY 10027
- ④ David Kalke
475 Riverside Drive Room 1268
New York, NY 10027

CARRIBEAN

1.

2.

OBSERVERS AT THE SAO PAULO CONFERENCE OF EATWOT --

¹⁰
February 20 - March 2, 1980

EUROPE

1. Rev. Derek Winter
The British Council of Churches
Edinburgh House
2 Eaton Gate
London, SW1W 9BL England
2. Rev. Rosino Gibellini
Editrice Queriniana
Via Giovanni Piamarta 6
25100 Brescia, Italy
3. Meis Bockaert
Broederlijk Delen
Handelstraat, 72
B- 1040 - Brussel, Belgium
4. Dr. Lothar Engel
Protestant Association for
World Mission
Mittelweg 143
D-2000 Hamburg 13 Fed. Rep. W. Germ.
5. Rev. Donal Dorr
St. Patrick's College
Maynooth
Co. Kildare, Ireland
- 6.
- 7.

3. Jose Chipenda
World Council of Churches
150 route de Ferney
Geneve, Switzerland

UNITED STATES

1. Father Eugene Toland
Maryknoll Fathers
Maryknoll, New York 10545
2. Randolph Nugent
United Methodist Church
475 Riverside Drive Rm. 300
New York, NY 10027
3. Mrs. Nora Boots
United Methodist Church
Room 1519 475 Riverside Dr.
New York, NY 10027
4. John Eagleson
Orbis Books
Maryknoll, New York 10545
5. Rev. James E. Henneberger
LCA, 231 Madison Avenue
New York, NY 10016
- 6.

WORLD COUNCIL OF CHURCHES

1. Mr. Phillip Potter
World Council of Churches
150 route de Ferney
Geneve, Switzerland
2. Emilio Castro
World Council of Churches
150 route de Ferney
Geneve, Switzerland

CANADA

- 1.
- 2.

3.

BRAZIL

1. Richard Ouellette
C.P. 201
Nova Iguacu, Brasil